

EIS UM GRANDE ESCRITOR

Seus livros já existiram no Brasil, mas foi preciso que fosse descoberto na França para que fosse conhecido em dêle aqui. José Cardoso Pires, um grande escritor e não corre o risco de ser mal traduzido: escreva e traduza. Hoje, autografa seu primeiro livro, **O Delfim**, na Livraria T

Agora, José Cardoso Pires vai deixar jornal, universidade, Lisboa, para ir viver num pequeno suburbio da capital. Só vai escrever e viver da literatura "embora modestamente". É hoje o escritor mais famoso de Portugal, principalmente devido a **O Delfim**, descoberto recentemente pelos franceses.

Chegou a vez dos brasileiros descobrirem **O Delfim** e José Cardoso Pires. 45 anos, parecendo ter 10 a menos, 8 livros — um esgotado e outro proibido pela censura portuguesa — José Cardoso Pires foi estudante de Ciências, oficial-piloto de um cargueiro, intérprete, editor de revista, secretário de editora, professor de inglês, publicitário.

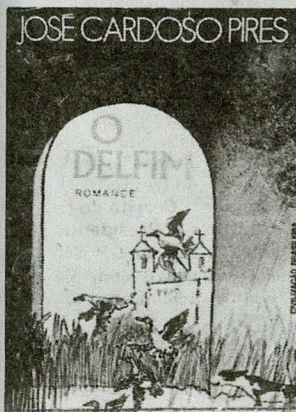
Em 1960, fundou a revista "Almanaque", de onde saiu o grupo Almanaque (Cardoso Pires, Alexandre O'Neill, Abelaira). Sua estreia, com **Os caminheiros e outros contos** (1946), teve a bênção dos neo-realistas, que dominavam a literatura portuguesa da época: outro livro de contos, **Histórias de amor** (1952), foi proibido por motivos morais e políticos. **O Anjo Acorado**, seu primeiro romance, de 1958, foi recebido excepcionalmente pela crítica e está em 3ª edição.

O render dos heróis foi o livro seguinte: uma peça "em três partes e um epílogo, concluído em apoteose grotesca", dissociando a mitificação do herói em Portugal. O ensaio **A cartilha do Marialva** também é de 1960.

Três anos mais tarde, Cardoso Pires publicou o romance **O hóspede de Job** que ganhou o prêmio Castelo Branco, traduzido em vários países europeus. Antes de **O hóspede**, saiu **Jogos de Azar**, coletânea de contos que incluiu alguns trabalhos de **Os Caminheiros**. **O Delfim** é de 1968.

Todos os livros de José Cardoso Pires estão à venda em São Paulo. Além de **O Delfim**, pode-se comprar as edições portuguesas de Moraes Editores, na Livraria Tanagra — R. Xavier de Toledo, 137. **O hóspede de Job** custa Cr\$ 18,00; **O anjo ancorado**, Cr\$ 10,50; **O render dos heróis**, Cr\$ 19,50; **Jogos de Azar**, Cr\$ 19,50; **O Delfim**, Cr\$ 19,50 e **Cartilha do Marialva**, Cr\$ 12,00.

José Cardoso Pires está apresentado. Agora, uma entrevista com ele:



Seguramente que o Engenheiro aprendeu em criança a cerimônia da ceia do Natal e que a repetiu até a morte do pai, que foi lenta e dolorosa. Hidrosopia, como não podia deixar de ser. E talvez haja aí quem ainda se lembre do velho a dirigir-se para a mesa do banquete por entre filas de criados, atrás de sua enorme barriga d'água. Que péso, que sacrifício — e ele sorridente. Então os Céus e a Terra alegraram-se, no dizer dos querubins das alturas, e o vendedor das lotarias... (de O Delfim)

Por que há tantas mulheres escrevendo ficção e poesia de qualidade em Portugal?

Há uma contista excepcional, Maria Judite de Carvalho. Sempre houve grandes escritoras em Portugal, mas só agora é que apareceu um conjunto de mulheres-escritoras de nível importante. Nenhuma mais representativa do que Maria Judite de Carvalho. Isso pode ser visto como um reflexo da nova situação da mulher portuguesa: nesta nova revisão constitucional, a mulher tem mais direitos, não todos os necessários. O acesso ao emprego, especialmente.

Quais suas primeiras experiências de escritor?
Só como aluno do liceu, dirigi uma revista infantil. Comecei a escrever em 1945 e, depois de um ano, publiquei **Os caminheiros e outros contos**. Anotava os muitos livros que lia, fazia apontamentos. Publiquei **Os caminheiros** com dinheiro emprestado por outros escritores.

E hoje, que prêmios já tem? Em que países foi traduzido?
Tenho o Prêmio Castelo Branco (de 1963/64, com **O hóspede de Job**) e o Prêmio dos Suplementos Literários. Nunca concorri a nenhum prêmio oficial, nem da Academia. Foi traduzido na Espanha, França, Itália, Alemanha, Rumania, Hungria, Checoslováquia, URSS, Inglaterra. Brevemente **O Delfim** será publicado nos Estados Unidos pela Editora Knopf.



José Cardoso Pires
O ANJO ANCORADO

De pé, em pleno areal devorado pelas unhas dos cardos e pelos ventos de todo o ano, mais alegre se tronava a figura dela. Trazia um casaco de inverno e, por baixo, camisola e calças de passeio, tudo de bonitas cores. Por essa razão, e também por ser bem feita de formas, muito esguia, muito ágil, era um grito de vida a tremular entre tanta desolação. Girava nos calcanhares, de casaco aberto ao vento, à roda, à roda, como uma criança no recreio. "É bom, é livre"... (de O Anjo Acorado)

Além de escritor, você foi professor e dramaturgo. Pretende continuar nessas atividades?

O teatro não me interessa, principalmente pelas condições com que se faz teatro em Portugal. Minha concepção de teatro mudou: acho que é uma mensagem que se começa a escrever no palco, com os atores, e na discussão com o público. Só posso ser um escritor de teatro, voltando ao começo da Idade Moderna, à Renascença. A Gil Vicente ou Shakespeare. Gil Vicente fez um teatro moderno, dentro do seu tempo. Os autos foram escritos dentro do princípio da discussão com o público. Isso durava até que o autor considerasse que sua obra alcançara estado definitivo. Terminado meu contrato no King's College da Universidade de Londres, acabou minha carreira de professor. Agora só escreverei.

Quais os seus planos agora?

Vou me fixar em Portugal, mas não vou fazer jornalismo. Só escreverei. Como não gosta de Lisboa, vou viver num lugar a 40 km da capital, Rábida, por questão de tranquilidade. Não consigo escrever em casa, preciso de uma certa perspectiva, de um isolamento. Enquanto escritor, o homem é um animal solitário.

Quando começou a escrever O Delfim, quanto tempo levou?

Comecei a escrever em 1964, ele foi publicado em 1968. Houve muitos intervalos nesses quatro anos: escrevi versões do livro, antes da definitiva.

Na sua opinião, o que é O Delfim?

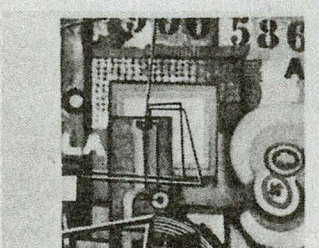
Aparentemente é uma história de exemplo e castigo, uma história policial de um "marialva" que se envolve num crime. Mas, além das aparências, é história de um tempo abstrato, mais de clima, cheiro, uma insônia onde estão todas as transfigurações.

Gafeira, onde se passa O Delfim, é real?

Não, é um território mítico que formei com a palavra gafe mais o sufixo eira, que significa conjunto, população. É também para orientar erradamente o leitor, para ele ficar sem saber se houve ou não o crime, toda a história. Um caso curioso a propósito: tenho um artigo, publicado no jornal "Notícias do Porto", com um professor falando sobre o Abade, a monografia do Abade, corrigindo-me, dizendo que fiz citações erradas, etc. Mas tudo isso, eu que inventei, são livros irrealis.

Que é "marialva"?

Marialva é uma figura sociológica portuguesa, que representa a idade média contemporânea em Portugal, no campo político psicológico, econômico e até literário. Seria uma espécie de símbolo do "machismo" português, que estudei em aspectos como o do contrato de casamento, que é um contrato de propriedade, como o da autoridade, do paternalismo em relação à mulher. Em **A Cartilha do Marialva** fiz uma invocação do passado para afirmar o presente; a partir da revisão de várias perspectivas, vi o comportamento de hoje, deste tempo e desta hora, explicando as motivações desse comportamento.



José Cardoso Pires
JOGOS DE AZAR

Ao longo do caminho, espalham-se, aqui e ali, as damas acabadas de sair de certos lugares de camaradagem e de bela diversão, das essas que são, afinal, as amorosas noturnas da cidade. Todas usam os nomes de Lisete, Carmen ou Ceuzinha, e todas têm aquele desenho, os gestos e os modos de se moverem e de pararem na estrada que distinguem as amorosas noturnas entre todas as mulheres. Alguém afirmou (ou é confusão minha?) que por estas paragens anda à solta o fantasma do Rocimante... (Jogos de Azar)

Acha que O Delfim pode ajudar na penetração da literatura portuguesa no Brasil?

Espero que sim, estou convencido que sim. Com poucas exceções, a literatura portuguesa é conhecida no Brasil em período bastante histórico; há uma série de preconceitos, especialmente com relação ao linguajar, que distorcem a verdadeira realidade portuguesa. Há uma idéia deformada da literatura portuguesa contemporânea. Pensa-se que é retórica, empolada, universitária, como se o país estivesse parado. Um país aberto, que tem gente como Vieira da Silva em pintura, marchands internacionais, um Fernando Lopes Graça na música, não é um país de pobres coitados. A coisa mais importante é o Brasil precisar se atualizar em relação a Portugal. Um país novo, cheio de vida e potencial, também tem de estar atualizado com relação a Portugal. Os portugueses estão muito mais atualizados com relação ao Brasil. Gostaria que houvesse um entendimento mais autêntico e profundo do que o que há atualmente.

Está escrevendo algum livro?

Há cinco meses não escrevo nada, mas meu próximo romance está em elaboração.
Já teve alguma obra filmada?
Vendi os direitos de **O anjo ancorado**, mas o filme não foi feito. Gostaria de ver minhas obras filmadas exclusivamente por causa do dinheiro. Acharia melhor trabalhar com um realizador, como Antonioni, Jean-Luc Godard ou Elio Petri.

Qual é seu método de trabalho?

Uma das coisas que mais faz mal é tomar notas para escrever ficção. Se o escritor se esqueceu de alguma coisa que achou importante, é porque ela não era tão essencial assim. Há muitas obras prejudicadas por isso, documentais, romances com excessões. O importante é a força do consciente. Para mim, também não é possível ser escritor de fim de semana. Certa vez, estava empregado como intérprete de uma companhia de aviação norte-americana. Para escrever os contos de **Jogos de Azar**, pedia licença para faltar um dia, mas só voltava dali a oito. O primeiro dia é só para ver, se adapta: escrever é o que se passa a seguir. As vezes, escrevo durante 12 dias. Sempre muito devagar, com versões sempre variadas. Preciso escrever sempre só, e acho que a pessoa deve se deitar e estar convencida de que escreveu uma obra-prima; mas, no outro dia, ao se deitar, achar que aquilo tudo não vale nada.

Qual sua situação no quadro da literatura portuguesa?

Minha obra é um produto exterior ao neo-realismo. Evidentemente, tocada pelo grande impacto que a literatura neo-realista teve nos anos 40-50: quando estreei, fui bastante apoiado pelos neo-realistas. Minha obra pode assim, ser interpretada como uma continuidade histórica dessa escola.

Mas eu e minha geração deixamos as preocupações naturalistas do neo-realismo e assumimos uma consciência do país onde vivemos. Nós entramos, nos preocupamos com a vida portuguesa. Portugal é o país de que mais gosto, a vida portuguesa é a que mais me interessa. Mas a representação literária dos problemas dessa vida não pode ser direta, imediata.

Sou um escritor "engagé", sou cidadão que toma partido em tudo quanto se passa na minha terra, mas isso não quer dizer que se reflita tal coisa na superfície da minha obra.

Por que, de repente, sua obra e a literatura portuguesa em geral, chamou a atenção dos centros culturais europeus?

A Europa tem se caracterizado por estar pobre de criação: a França, que é uma espécie de bolsa de valores dos escritores — a meu ver, infelizmente — é de uma pobreza atroz na ficção. Como eles têm de exportar cultura, interessam-se por países que não reconheciam até há pouco. Vários problemas de ordem política tiveram influência: Portugal, um pequeno país, às voltas com uma guerra colonial com três frentes, despertou curiosidade de saber o que acontece em seu território.



José Cardoso Pires
O HÓSPEDE DE JOB

Tudo chega até eles com uma clareza terrível. Lêem os sons, decifram os passos como num livro aberto. Agora sentem rolar o cascalho, patadas nervosas: os guardas sobem com certeza a ladeira da casa dos Sotas para procurarem avistar, desse alto, a estrada da Vila e a patrulha que os virá render. Agora admitamos que param no largo junto do poço, que se ouve um corpo saltando para o chão: alguém se apeou. Irá dar água à montada ou passear a pé para descansar as pernas? (de O Hóspede de Job)

Quais escritores tiveram influência sobre sua obra?

Escritor português que me tenha interessado, não como influência, mas como ensino de escrita: Fernão Mendes Pinto, irônico em relação a si mesmo; tendo sido professor de Literatura Portuguesa, tendo uma visão herética em relação a ela. Hoje, sou mais tocado por um cineasta que por um escritor. Por exemplo, Michelangelo Antonioni. Quando comecei, gostava muito dos escritores anglo-americanos, como resposta à influência geral, que era a francesa. Faulkner, Hemingway, por exemplo. Mais perto do meu gosto: Stephen Crane, que ainda hoje, considero extremamente perigoso para um escritor, se fixar.

Que escritores são importantes em Portugal, atualmente?

É uma pergunta clássica, mas classicamente difícil de responder. Na minha geração — é natural que me esqueça de nomes — posso falar de alguns do movimento "Almanaque": Augusto Abelaira, Alexandre O'Neill, o teatrólogo Stau Monteiro. Num plano bastante diferente do nosso movimento, Urbano Tavares Rodrigues; no campo experimental, Herberto Helder, Júlio Moreira; de geração mais velha, Carlos de Oliveira, Alves Redol. Outro nome importante: Almeida Faria.



José Cardoso Pires tem 45 anos e 8 livros publicados.